

Só resta a volta ao ensino público

O Plano Cruzado acabou, a mensalidade da escola triplicou, a alimentação encareceu muito e o preço do combustível superou a inflação. Dona de casa "ex-classe média", Marlene Sallai Pinto viu que a única coisa que não aumentou na mesma proporção foi o salário do marido, um vendedor. E tomou a grande decisão: transferiu, ano passado, as três filhas de um externato particular para uma escola pública.

Ana Paula, 15 anos, Ana Flávia, 12, e Ana Carolina, oito, estavam, de início, contentes com as aulas no Beatisssima Virgem Maria, no Brooklyn. Mas tiveram de se mudar para Butantã e, com isso, entrar em uma nova escola, o Externato Jardim Bonfiglioli. A vida que já estava difícil piorou, o padrão de ensino caiu e a solução foi uma nova transferência para a escola estadual Professor Emygdio de Barros.

Decidida, Marlene conversou com o marido e, depois, fez uma reunião com as filhas. Falou, com franqueza, das dificuldades econômicas da família e fez uma pergunta objetiva: "Afimil, o que vocês conseguiram aprender nessa escola?" (o Externato Jardim Bonfiglioli). Pouco, muito pouco. Inseguras, as meninas, no começo, não queriam perder os amigos de sala de aula, os professores mais conhecidos.

Mas, aos poucos, foram se acostumando com a idéia. Preferiram estudar em uma escola pública que desconheciam a ter de sacrificar o lazer no clube nos fins de semana. No sobrado em que mora, no Butantã, Marlene conta que perdeu o sono durante o mês de julho do ano passado com medo de não encontrar vaga para as filhas. Descobriu que a Professora Emygdio de Barros-era

próxima de sua casa, tinha um bom nível de ensino.

Fez tudo o que pôde para colocar suas filhas. Ficou na fila, aguardou vaga e sentiu na pele a dificuldade que representa o ingresso em uma conceituada escola pública. A filha menor, Ana Carolina, por exemplo, teve de esperar até 7 de agosto para receber a confirmação de sua matrícula. "Lutei para ter o melhor possível dentro da situação em que me encontrava".

Não foi por acaso que Orestes Quercia escolheu essa escola, em 8 de fevereiro, para lançar a jornada única para o ciclo básico estadual. Marlene conheceu melhor a Emygdio de Barros e constatou o motivo de sua boa fama: a Associação de Pais e Mestres se interessa muito pela escola e a diretora tem "pulso de ferro".

Suas filhas logo fizeram amizade na escola pública e Marlene não teve problemas emocionais, de sentimento de culpa, pela repentina mudança de vida das crianças. Percebeu a importância de uma APM ("no Externato Jardim Bonfiglioli não tinha sequer essa associação") e hoje tem certeza que a Emygdio de Barros deveria servir de modelo para as demais escolas públicas.

Enquanto suas filhas brincam em um quarto "de família pobre", Marlene diz que suas meninas levam lanche para a escola, deixando a merenda para os mais necessitados e que, atualmente, está muito mais satisfeita com o ensino oferecido. Mas no final da conversa, pouco antes das despedidas, confessa: "Não sou contra escola particular; se pudesse, minhas filhas frequentariam uma".